

PREFÁCIO

Quatro andamentos

Filomena sentou-se no banquinho de pedra da janela que dava para o jardim. A almofada vermelha combinava com a cor laranja do vestido de lã; o traço preto que contornava a sua figura extática, isolava-a da atmosfera imprecisa da salinha, como se a mantivesse numa espécie de prisão de cor, de silêncio, de conforto.

Era Inverno, um meio da tarde já escura, e Filomena pousara o livro que estava a ler no outro banquinho de pedra, à sua frente. Esse, não tinha uma almofada vermelha, e um traço preto contornava o livro, impedindo-o de cair ao chão, ou de poderem ser voltadas as suas páginas.

Filomena olhava o jardim e as suas sombras. Olhava-se a si, reflectida no quadrado de vidro da janela. A sebe de buxo estendia-se por um caminho tão longo, tão longo, que só a música de *Arvo Part* a acompanhava, até se extinguir.

Era Outono, um meio da tarde perfumada e triste, e Filomena estava sentada num degrau, com uma dália lilás no colo. Uma chávena de chá, vazia, pousada a seu lado. O vento morno que soprava, e baloiçava as longas folhas da nogueira, onde nas linhas regulares se escreviam pensamentos e recados, não lhe agitava os cabelos, porque o traço preto que a envolvia, a separava dos sons e dos ventos. Filomena com a chávena de chá, ficavam enclausuradas dentro dessa fita de um negro espesso, e apenas via, à sua frente.

Era Verão, um meio da tarde de fruta madura, acerolas vermelhas com pequenas histórias enroladas, histórias de Espanha, de guerra e de santos, e Filomena dormia no chão de saibro e espinhos de roseira. Passavam a seu lado cabeças desconhecidas, que olhavam com grandes olhos de amêndoa, mas não a viam, porque o traço negro que a recortava no chão, era como uma linha de tempo. Mágica.

Filomena dormia descalça, e os dedos dos pés eram azuis, e entre eles cresciam as flores azuis das *escadas de Jacob*. E ela dormia, sem sonhos, que é o dormir das flores.

Era Primavera, e a essa hora de nada, que é a hora da tarde, em que o respirar custa, e as lágrimas são verdes, ou de outra cor qualquer, Filomena, com um vestido de noiva quase branco e rosa fúcsia, saltava os quadrados do jogo da macaca, e tudo era envolvido numa fita negra, baça, que se ia desenrolando, desenrolando, até se soltar dos vitrais que contavam a sua história, e voar até ao sol. Os olhos grandes de Filomena fixaram com espanto o sol, e os olhos grandes do sol, fixaram com espanto Filomena.

E ouviu-se...*Silentium*, (de Arvo Part.)

Mónica Baldaque

Gólgota, 28 de Março de 2021